

Veículo O GLOBO

Data 18/08/88

Cliente TRIADE GALERIA - RETROSPECTIVA IVAN SERPA

# Ivan Serpa em retrospectiva



"Mulheres e bichos", entre as 30 obras da Triade

ROSA NEPOMUCENO

**I**van Serpa morreu em 1973 de derrame cerebral, aos 50 anos, e em 25 de atividades, marcou definitivamente o cenário das artes plásticas brasileiras. Surpreendeu críticos e artistas de sua geração, entrou e saiu de grupos e fases e, na opinião de amigos e experts, como Aloísio Carvão — com quem deu aulas de desenho no MAM e participou do movimento concretista — além de pintor extraordinário, Ivan Serpa foi uma personalidade especial, guiada por máximas como "é melhor desagradar conscientemente que agradar por agradar". São suas múltiplas viagens plásticas que novos artistas e antigos admiradores poderão acompanhar nas 30 obras que estarão expostas a partir de hoje na galeria Triade, na Lagoa. A idéia de inaugurar com obras de Ivan um espaço dedicado a mostras comerciais ou institucionais de grandes nomes foi do arquiteto Fernando Wrobel. Para a retrospectiva, a escultora Maria Tereza Pfisterer recolheu óleos, desenhos e esculturas das suas diversas fases entre colecionadores — Alfredo Souto de Almeida, Paulo Lima, Germano Grand e a viúva Lígia Serpa.

— Ele só largava os pincéis quando acabava um quadro e isso poderia demorar muitas, muitas horas. Gostava de trabalhar grandes telas. Não parava para nada, a gente levava um copo d'água para ele, quando tinha sede. Mas nos seus desenhos mais elaborados, mais intelectualizados, demorava dois, três meses — lembra Lígia, que ainda mora na casa do Méier onde viveu com o marido.

Em 1965, o pintor reproduzia a figura huma-

na, sob ótica expressionista, em telas enormes, como "O beijo", "Esquina do pecado", "O corpo nu", que estão na mostra. A última enquadrava um corpo de mulher no centro de um círculo, com faixas laterais, que anunciariam sua próxima fase, a geométrica, na qual desenvolveu duas temáticas, definidas por ele como "amazônica" e "mangueira". Apaixonado pela Mangueira, Ivan explorou as cores verde e rosa nas telas produzidas nesse período.

Sua última safra de desenhos em nanquim e óleo ele batizou de "geomânticos", interpretados por alguns, como a própria Maria Tereza, de "geométricos e românticos". Segundo Lígia, porém, foram inspirados na geomancia — advinhação que se faz deitando pó de terra sobre uma mesa e examinando as figuras que formam. Notavelmente, Ivan surpreenderia o universo das artes plásticas, com mais essa virada. Afinal, ele surgira com suas pinturas figurativas — nunca acadêmicas — e depois juntara-se a Aloísio Carvão, Franz Weissman, Hélio Oiticica, Lígia Pape e outros, criando o Grupo Frente, "de concretistas com sotaque nacional, emotivos, românticos", como define Carvão. Atravessaria alguns anos trabalhando temas abstratos — como o "Jeanne D'Arc", também na mostra — passando, em 1963 e 64 por sua famosa "Fase negra", quando pintou grandes cabeças dramáticas com tinta preta. "Procurei dar o sentido da tragédia humana", disse à época.

Os três desenhos geomânticos cedidos por ela à exposição na Triade foram segurados em US\$ 10 mil cada e as telas grandes como "O beijo" e "Bichos", em CZ\$ 8 milhões. Nenhum está à venda.

— É muito minha culpa a visita dele ao Brasil — diz Petit. — Sempre disse a ele da maravilha que é o nosso país. E sempre envio a ele cartas, materiais sobre o País. Pujol sabe que fui eu o responsável pela Varig ir até Barcelona.

Jordi Pujol chega ao Brasil no final de agosto. E assinará imediatamente um intercâmbio cultural Brasil-Catalunha. Em princípio, acontecerá um ato cultural por ano: artistas catalães virão ao Brasil e os artistas brasileiros irão à Catalunha. A representação oficial ficará nas mãos da Associação Cultural Joan

dos museus do mundo, como Bonn (Alemanha), Viena (Austria), Barcelona (Espanha), Nova York (Estados Unidos), Madri (Espanha), entre outros.

Aos 76 anos, Isabel Pons, que mora no Rio, ainda continua a fazer cuidadosamente suas elogiadas gravuras. Sua estadia no Brasil deveria ser episódica — e aqui já está há 40 anos. A caminho da Argentina, onde iria expor, desceu no Rio, fez alguns retratos, e acabou ficando, para sua felicidade. Esta viajante contumaz, esteve antes na Suécia, onde retratou a então jovem atriz Greta Garbo.

poéticas, passáros, santos (como S. Jorge, padroeiro de Barcelona).

— Não tenho nada de política. Na minha obra nada pode ser considerado político.

As cores do mediterrâneo ainda impregnam a imaginação da artista. Ela acredita que os tons da Catalunha se assemelham aos de Paris.

— Não é como aqui, no Brasil, onde as cores são vivas, definidas, radiantes — comenta ela. — No inverno catalão, os tons são cinzas, transparentes.

Quando trabalha, pensa na Catalunha, nas cores mediterrâneas, nos amigos, na paisagem.

dor, tradicional. Existe uma cultura catalã, tanto que há uma língua catalã. Sendo uma língua particular, é uma cultura diferente da espanhola. Basta se observar Miró e Dalí — eles são catalães.

A viagem catalã de Francesc Petit é bastante semelhante. Morando em São Paulo há mais de 30 anos, ele jamais esqueceu sua terra e chegou a fazer um pequeno guia sobre Barcelona. É considerado espécie de embaixador informal da Catalunha no Brasil. Suas exposições recentes estiveram forradas de homenagens à sua terra natal.

ua Espanha. Dessa experiência sobre rodas, sobraram lembranças que foram retrabalhadas na exposição "A volta do Petit", ocorrida em 1948, em Barcelona. Mas desde 80 o artista homenageia a Catalunha em suas mostras.

— A exposição "Visite a Catalunha", em 80, tinha uma influência forte de Miró. Era explosiva, com muitas bandeiras da Catalunha.

Depois, aconteceram mostras como "Catalunha in the spring", em 82, em Nova York.

— Era o lado romântico. Pinteí pequenas flores dos campos — afirma ele.

do na tela. Miró, qualçaria, a faz bem grosso muito chão, terra.

Zaragoza vê o catalão pessoa simples, acessível — ao contrário espanholis.

— Por ser muito l tem uma simplicidade

Ao pintar, Zaragoza solto e não pensa nem na Catalunha. A fase de altos rel meu ligado à sua es

— Mas quando elas lembram o Brasil

# Ivan Serpa em retrospectiva



"Mulheres e bichos", entre as 30 obras da Triade

ROSA NEPOMUCENO

Ivan Serpa morreu em 1973 de derrame cerebral, aos 50 anos, e em 25 de atividades, marcou definitivamente o cenário das artes plásticas brasileiras. Surpreendeu críticos e artistas de sua geração, entrou e saiu de grupos e fases e, na opinião de amigos e experts, como Aloísio Carvão — com quem deu aulas de desenho no MAM e participou do movimento concretista — além de pintor extraordinário, Ivan Serpa foi uma personalidade especial, guiada por máximas como "é melhor desagradar conscientemente que agradar por agradar". São suas múltiplas viagens plásticas que novos artistas e antigos admiradores poderão acompanhar nas 30 obras que estarão expostas a partir de hoje na galeria Triade, na Lagoa. A idéia de inaugurar com obras de Ivan um espaço dedicado a mostras comerciais ou institucionais de grandes nomes foi do arquiteto Fernando Wrobel. Para a retrospectiva, a escultora Maria Tereza Pfisterer recolheu óleos, desenhos e esculturas das suas diversas fases entre colecionadores — Alfredo Souto de Almeida, Paulo Lima, Germano Grand e a viúva Lígia Serpa.

— Ele só largava os pincéis quando acabava um quadro e isso poderia demorar muitas, muitas horas. Gostava de trabalhar grandes telas. Não parava para nada, a gente levava um copo d'água para ele, quando tinha sede. Mas nos seus desenhos mais elaborados, mais intelectualizados, demorava dois, três meses — lembra Lígia, que ainda mora na casa do Méier onde viveu com o marido.

Em 1965, o pintor reproduzia a figura huma-

na, sob ótica expressionista, em telas enormes, como "O beijo", "Esquina do pecado", "O corpo nu", que estão na mostra. A última enquadra um corpo de mulher no centro de um círculo, com faixas laterais, que anunciariam sua próxima fase, a geométrica, na qual desenvolveu duas temáticas, definidas por ele como "amazônica" e "mangueira". Apaixonado pela Mangueira, Ivan explorou as cores verde e rosa nas telas produzidas nesse período.

Sua última safra de desenhos em nanquim e bloco ele batizou de "geomânticos", interpretados por alguns, como a própria Maria Tereza, de "geométricos e românticos". Segundo Lígia, porém, foram inspirados na geomancia — adivinhação que se faz deitando pó de terra sobre uma mesa e examinando as figuras que formam. Novamente, Ivan surpreenderia o universo das artes plásticas, com mais essa virada. Afinal, ele surgira com suas pinturas figurativas — nunca acadêmicas — e depois juntara-se a Aloísio Carvão, Franz Weissman, Hélio Oiticica, Lígia Pape e outros, criando o Grupo Frente, "de concretistas com sotaque nacional, emotivos, românticos", como define Carvão. Atravessaria alguns anos trabalhando temas abstratos — como o "Jeanne D'Arc", também na mostra — passando, em 1963 e 64 por sua famosa "Fase negra", quando pintou grandes cabeças dramáticas com tinta preta. "Procurei dar o sentido da tragédia humana", disse à época.

Os três desenhos geomânticos cedidos por ela à exposição na Triade foram segurados em US\$ 10 mil cada e as telas grandes como "O beijo" e "Bichos", em CZ\$ 8 milhões. Nenhum está à venda.

Rinoceronte, lembrança da Ásia

Ipanema, amanhã, e Barra, no dia 23, ganham exóticos zoológicos, com 80 animais distribuídos nas duas lojas da Ipanema Design (Avenida Epitácio Pessoa 224 e no Casahopping, bloco D, loja J). São os trabalhos em papier mâché de Eliana Brandão, a ex-embaixatriz que, há 20 anos, trabalhava o couro para criar sandálias e cintos. Agora Eliana se apaixonou pela escultura e esta exposição é a pista de decolagem de seu novo vôo.

Os trabalhos com papier mâché começaram há cinco meses com a intenção de criar objetos para decorar uma casa em Búzios. Mas o entusiasmo com o resultado foi crescendo — assim como o tamanho das peças — e os peixes iniciais foram dando

Zôo de no camin arte de esc

lugar ao rinoceronte a pássaros. Um zoológico animais guardados ças da infância e em viagens à Ásia.

— A escolha dos animais consciente, mas de meio foi impossível que eles dão idéia de ontem estavam to casa e, quando foi para a galeria, de enorme sensação de

Mas Eliane reconda não é uma escultura até um neologismo significar: "objetista que cria objetos art ingressar no clube res ela já program Parque Lage, onde der a domar outros